

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A LITERATURA DE CORDEL

OSÉ OSSIAN LIMA

Intermediária no processo de comunicação com a gente humilde, principalmente do interior, a literatura de cordel, por isso mesmo, está, de uma certa maneira, relacionada com os meios de comunicação. Essa aproximação ocorre de duas maneiras: ora a literatura de cordel é influenciada pelo cinema, rádio etc., ora influencia os *mass media*.

Primeiro, foi o livro que deu sua contribuição à literatura de cordel, fornecendo histórias que os poetas recontavam à sua maneira. Depois, vieram o rádio e o jornal, colaborando com notícias para o enriquecimento do ciclo circunstancial. Posteriormente, o cinema e a TV viriam também a prestar sua ajuda aos poetas do povo. Aqui, tentamos um esboço sobre o assunto.

O LIVRO, A PRIMEIRA FONTE

Na literatura de cordel os dois primeiros grandes ciclos foram o amoroso e o heróico. São narrativas de romances muitas vezes impossíveis, grandes epopéias, lutas etc. Tirados de onde? Dos livros, como podemos ver, inclusive dessa notícia publicada na revista *Veja*: "Ele começou pelos caminhos da cantoria. Um dia trocou a viola por quatro livros básicos: uma gramática, um atlas universal, um livro de ciências físicas e naturais e a Bíblia. Biblioteca que, somada às consultas ao Lunário Perpétuo", espécie de enciclopédia sertaneja, deu-lhe o conhecimento necessário para se transformar num dos mais importantes poetas populares. Assim, o paraibano Manoel Camilo dos Santos, de 70 anos, ostenta, hoje, a invejável marca de 35 anos de literatura de cordel. Autor de 140 trabalhos, Camilo já superou os 2 milhões de exemplares, vendidos (aos gritos) pelas feiras do Nordeste. Tanto sucesso ele explica sóbria e modestamente: "Além de falar a linguagem cabocla, o folheto é

curtinho, maneirinho e o sertanejo toma gosto pelas rimas. Como se não bastasse sua riquíssima imaginação, Camilo já traduziu para o folheto desde obras de Victor Hugo até o “Ébrio” de Gilda de Abreu — do qual mudou o final, “pois o nosso sertanejo não gosta de tragédia”. (1)

Dessa maneira, os livros, antes de mais nada, possibilitam a formação do poeta, quase sempre um autodidata. Além disso, trazem muitas histórias que os autores da literatura de cordel recordificam em folhetos, que, muitas vezes, são verdadeiros *best-sellers* e alguns são editados permanentemente, como é o caso do “Romance do Pavão Misterioso”, atribuído a João Melquíades Ferreira. Nos próprios folhetos, os poetas se referem às suas fontes:

“Deu-se isto diz o livro
num reino muito atrasado
no tempo em que as fadas
formavam reinos encantados
ali havia um velhote
por nome João Cambado”

(“Romance de João Cambadinho e a Princesa do Reino de Miramar”, João José da Silva).

“Leitor amigo eu te peço
atenção por um instante
para que tu possas ler
um romance interessante
de Samuel Belibé
chamado “O Judeu Errante”

(“O Judeu Errante”, Severino Batista)

“Dentro do livro sagrado
São Marcos com perfeição
nos faz a revelação
de Jesus Crucificado
foi preso e foi arrastado
cuspido pelos judeus
por um apóstolo dos seus
covardemente vendido
viu-se amarrado e ferido
nas cordas dos fariseus”

(1) — *Veja*. São Paulo. 383:17, 7 jan. 1976, seção Gente.

(“O Sofrimento de Jesus Cristo”, José Pacheco)

“Num alfarrábio francês
foi esta lenda encontrada
o caso foi doloroso
a cena foi complicada
do falso duma madrasta
e o sofrer duma estrada”

(“História de Rosa de Milão”, Teodoro Ferraz da Câmara)

“Lendo na Bíblia Sagrada
A vida do Salvador
Senti no peito uma dor
Que a pena ficou parada,
Naquela época passada
JESUS FILHO DE MARIA
Sofreu toda tirania
Que sua alma soluçava,
— Quem era que não chorava
Quando Jesus padecia?”

(“Quando Jesus Padecia”, Rodolfo Coelho Cavalcante)

Em resumo, podemos dizer que é extensa a relação dos folhetos que são recodificações de obras de José de Alencar, Camilo Castelo Branco e outros autores, além da Bíblia e outros livros. No entanto, assim como tem sofrido influência de obras literárias, a literatura de cordel também tem inspirado muitos autores nas suas produções. São exemplos *A pedra do reino*, de Ariano Suassuna, o *ABC de Castro Alves* e *Teresa Batista, cansada de guerra*, ambos de Jorge Amado, *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego, além de outros que vêm comprovar a relação entre o livro e a literatura de cordel.

A VEZ DOS JORNAIS E REVISTAS

Na literatura de cordel, tão importante quanto os ciclos heróico e amoroso é o ciclo circunstancial, que reúne os chamados folhetos de ocasião. Estes, como se fossem verdadeiros jornais, tentam “supsrir a necessidade de informação nas brenhas do sertão”, (2) vinculando-se “ao acontecimento que pode ser uma guerra, um fato

(2) — *Cordel, Literatura Ingênua. O Povo*. Fortaleza, 24mar. 1975, suplemento “Center News”, p. 16.

policial, uma façanha, uma notícia qualquer publicada nos jornais". (3)

Dessa maneira, o folheto de cordel é, muitas vezes, jornalístico no seu conteúdo e para tanto toma como ponto de partida, em certos casos, as notícias publicadas nos jornais. Isto é, o jornal é, ao mesmo tempo, modelo e fonte da literatura de cordel. Inclusive, é muito comum os poetas em suas obras fazerem referências aos jornais:

"Quinhentos e onze padres
no momento se acharam
também 34 bispos
ali se apresentaram
e de jornais e revistas
centenas de jornalistas
o ato presenciaram"

("A Opinião dos Romeiros sobre a Canonização do Padre Cícero pela Igreja Brasileira", Expedito Sebastião da Silva)

"No grande jornal *O Povo*
ele concluiu por fim:
"eu agora sou "leão"
dei meu adeus ao Ferrim
arranjei um novo amor
deixei de ser sofredor
quem quiser ache ruim"

("Jaime, Traidor e Pé-Frio do Ferrim", Raimundo Viana)

"Aliás, certos jornais
noticiaram também
citando o fazendeiro
e isso me recorde bem
comentando a notícia triste
como o caso que vem"

("O Fazendeiro que castrou o rapaz porque namorou a sua filha", Abraão Batista)

"Lendo nos jornais essas coisas
eu fiquei admirado...
sem saber quem tem o crédito,

(3) — Um Lugar Para o Cordel nas Salas de Aula. *Escola*. São Paulo, 21:24-27, nov. 1973.

eu fiquei indignado —
ou o governo tem a razão
ou está muito enganado”

(“A Corrupção no Ceará”, Abraão Batista)

“Os jornais falam em manchetes
numa primeira edição
o bispo do Crato deu ordem
ao padre Frei Damião
que não passasse em Juazeiro
do Pe. Cícero Romão”

(“A Proibição do Bispo do Crato contra Frei Damião”,
Abraão Batista).

Hoje, há poetas especializados em folhetos jornalísticos, entre os quais José Soares, Olegário Fernandes, Abraão Batista, todos com trabalhos que se tornaram autênticos *best-sellers*. Mas, alguns sentem influência não só do jornal, mas também das revistas, onde encontram notícias e outras matérias-primas para novas produções poéticas. Um exemplo é o do pernambucano João José da Silva, que, influenciado pelas histórias em quadrinhos, escreveu o romance “As Aventuras da Família Vira-Mundo”, em dez volumes.

Além disso, acredita-se que as revistas tenham levado alguns editores (mais preocupados com a cultura de massa) à inclusão de clichês fotográficos das revistas nas capas dos folhetos, no lugar das xilogravuras. Outros acham que as revistas provocaram a sofisticação dos folhetos, com a inovação das capas coloridas por parte de certos editores do sul. Contudo, isso é um problema de sofisticação de manifestações da cultura popular que podemos comentar em outra oportunidade. Por enquanto, o que interessa é destacar o papel influenciador do jornal e da revista na literatura de cordel, do que resultaram inúmeros títulos. Entre outros podemos citar “O Divórcio no Brasil” (Pedro Bandeira), “O Menino que Nasceu com a Pintura do Cão” (Manoel Caboclo e Silva), “Os Uruguaios que comeram Carne Humana” (Abraão Batista), “As desastrosas enchentes em Pernambuco” (Abraão Batista), “Vitória do Ceará em cima do Fortaleza” (Raimundo Viana), “O Menino de Duas Cabeças que Nasceu em Belo Jardim” (Olegário Fernandes), “A Esmagadora Vitória de Marcos Freire” (José Soares) e “A Lamentável Morte do Deputado Alcides Teixeira” (José Soares).

SOM E IMAGEM

Para alguns, o fato de a literatura de cordel ser atingida pelo rádio e pela televisão é grave, sob a alegativa de que resulta uma ameaça à sua existência. No entanto, é através do rádio e da televisão que os poetas do povo tomam conhecimento de muitas notícias, de que se utilizam, em seguida, na sua atividade de cordelistas. Também muitas novelas transmitidas pelo rádio e televisão são re-codificadas na literatura de cordel.

A propósito, inclusive para mostrar que os modernos meios de comunicação, pelo menos em um certo sentido, não prejudicam a literatura de cordel, o poeta Olegário Fernandes, residente em Caruaru, declara que “o rádio dá a notícia instantânea, mas o povo quer saber o que diz o folheto, com mais detalhes... A televisão não faz medo, porque é muito cara e quase ninguém tem por aqui”. (4) O problema aí, voltamos a afirmar, é que uma camada da população dá mais crédito ao folheto do que ao rádio e à televisão, o que significa dizer que, nessas circunstâncias, o rádio e a televisão dependem da literatura de cordel para completar o seu processo de comunicação. Foi assim que se escreveram folhetos como “Jerônimo, o Grande Herói do Sertão” (João José da Silva), “Os Uruguaios que Comeram Carne Humana” (Abraão Batista), “Brasil — 1958 — 1962 — 1970 — Tricampeão do Mundo” (Palito), “O Homem na Lua” (José Soares), “Jânio Quadros Confinado ou o Triste Resultado de um Brasileiro Cassado” (João Barra Mansa), “Discussão de um Cachorro com Valdick Soriano” (Manoel Moraes), “Uma Apresentação de Chacrinha no Inferno” (Abraão Batista), “O Pavoroso Desastre do Ônibus de Pesqueira” (Abraão Batista) e muitos outros.

TAMBÉM O CINEMA

Algumas vezes, é por intermédio do cinema que têm chegado ao conhecimento do poeta popular obras da literatura nacional e estrangeira, citando-se como exemplo o folheto “Sansão e Dalila” (J. L. Júnior), que foi adaptado não da Bíblia, mas do filme do mesmo nome. Noutras ocasiões, também as histórias originais de certas películas servem como assunto, como aconteceu com Joaquim Batista de Sena, ao escrever “A Morte Comanda o Cangaço”, com base no filme do mesmo nome.

A influência do cinema também se verifica nas capas dos folhetos: muitos editores, ao invés de xilogravuras, preferem clichês de artistas do cinema, embora estes nada tenham a ver com os per-

(4) — NOBLAT, Ricardo. Literatura de cordel. O povo é o autor e o personagem. *Manchete*. Rio de Janeiro, 1 224: 126 4out. 1975.

sonagens das histórias escritas pelos poetas. Desse modo, atores de cinema aparecem em capas de muitos folhetos, entre os quais poderíamos destacar "A Vingança de um Sertanejo no Engenho Pirapama" (Luís de Lira) e "O Boiadeiro Valente" (S. Carlos).

No caso do cinema, há uma recíproca também: a literatura de cordel já chegou a exercer influência em alguns filmes brasileiros. como em "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha. Todavia, essa influência poderá ser maior, dentro de alguns anos, já que outros produtores e diretores do cinema nacional começam a descobrir a potencialidade temática da cosmovisão manifestada através da literatura de cordel. Inclusive, há bem pouco tempo, um roteirista pedia-me uma relação dos folhetos mais interessantes, para que pudesse partir para a elaboração do roteiro de um filme que ele próprio iria produzir. Foi mais um que percebeu o que procuramos demonstrar aqui, ou seja, a relação cinema-literatura de cordel.

CONCLUSÃO

Como acabamos de ver, ocorre influência não somente do livro e do jornal, mas também de outros meios de comunicação na literatura de cordel. É verdade que alguns *mass media* estão mais relacionados do que outros com essa forma de poesia popular. Por sinal, na opinião de muitos, essa infiltração dos meios de comunicação é perniciososa, sob alegativa de que há introdução de outros valores na cultura popular brasileira. Contudo, ao mesmo tempo, eles levam ao poeta do povo novos temas que ele transforma em novos folhetos, nos quais não faltam, entretanto, os valores difundidos e já aceitos na sua própria comunidade.

Exatamente devido à afirmação de que, por causa da invasão dos meios de comunicação, a literatura de cordel sofre ameaça de passagem da cultura popular ("conotativa de folclore") (5) para a cultura de massa (artificial, dentro de um processo industrial), o seu estudo deve ser aprofundado. Na literatura de cordel está um rico manancial para historiadores, sociólogos, psicólogos, artistas, comunicadores etc., todos, enfim, que estejam interessados em melhor conhecer a cultura brasileira. E também para melhores conclusões sobre as reais perspectivas para a literatura de cordel, principalmente na sua aproximação com os meios de comunicação.

(5) — ORTIZ, Gilberto. Vigor e originalidade marcam cultura popular. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 9set.1974. p.16.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

- LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro, Ed. Documentário, 1973. 150p. il.
- VIEIRA, R. A. Amaral. *O futuro da comunicação*. Rio de Janeiro, Série (Cadernos Didáticos, 1974. 356p. il.

ARTIGOS:

- BORBA, Marco Aurélio. A terrível peleja entre o cordel e a televisão. *Opinião*. Rio de Janeiro, 26dez.1975, p. 18.
- Cordel, Literatura Ingênua. *O Povo*. Fortaleza, 24mar.1975, suplemento "Center News", p. 16.
- MAGALHÃES, Graça. Cordel: das feiras do sertão à arte erudita. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 30 out. 1975. Suplemento, p. 3.
- NOBLAT, Ricardo. Literatura de cordel. O povo é o autor e o personagem. *Manchete*. Rio de Janeiro, 1 224:124-127, 4out. 1975.
- ORTIZ, Gilberto. Vigor e originalidade marcam cultura popular. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 9 set. 1974, p. 16.
- Um Lugar para o Cordel nas Salas de Aula. *Escola*. São Paulo, 21: 24-27, nov. 1973.
- Veja*. São Paulo, 383:17, 7jan. 1976, seção Gente.

FOLHETOS:

- AMARO, Manuel. *Jaime, traidor e pé-frio do Ferrim*. Fortaleza, ed. do autor, 1975. 18p.
- ATHAYDE, João Martins de. *História da donzela Teodora*. Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, 1975. 32p.
- BANDEIRA, Pedro. *O divórcio no Brasil*. Juazeiro do Norte, ed. do autor, 1975. 8p.
- BATISTA, Abraão. *A corrupção no Ceará*. Juazeiro do Norte, ed. do autor. 1975. 16p.
- BATISTA, Abraão. *A proibição do Bispo do Crato contra Frei Damião*. Juazeiro do Norte, ed. do autor, 1975. 8 p.
- BATISTA, Abraão. *O fazendeiro que castrou o rapaz porque namorou a sua filha*. Juazeiro do Norte, ed. do autor, 1975. 8p.
- CÂMARA, Teodoro Ferraz da. *História de Rosa de Milã*^o. Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, 1974. 40p.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Quando Jesus padecia*. Salvador, ed. do autor, 1972. 8p.
- FERREIRA, João Melquiades. *História do pavão misterioso*. Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, 1974. 32p.
- GALDINO, José. *História de D. Genevra*. Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, 1973. 32p.
- MORAIS, Manoel. *Discussão de um cachorro com Valdick Soriano*^o. Fortaleza, ed. de Heleno Guilherme, 1973. 8p.
- PACHECO, José. *Os sofrimentos de Jesus Cristo*. Recife, s.e., s.d. 8p.
- SILVA, Caetano Cosme da. *Jerônimo, o grande herói do sertão*. Recife. João José da Silva, s.d. 32p.
- SILVA, Expedito Sebastião da. *A opinião dos romeiros sobre a canonização do Pe. Cícero pela Igreja Brasileira*. Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco s.d., 8p.

- SILVA, João José da. *Romance de João Cambadinho e a princesa do Reino de Miramar*. Recife, ed. do autor, s.d. 16p.
- SILVA, Manoel Caboclo e. *O menino que nasceu com a pintura do cão*. Juazeiro do Norte, ed. do autor, s.d. 6p.
- SILVA, Severino Borges da. *O judeu errante*. Juazeiro do Norte, Tip. São Francisco, 1975. 40 p.